

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> _____	9
<i>Prólogo</i> _____	11
Minha primeira tatuagem... Como tudo começou _____	15
Começa a coceira. As cascas também caem _____	47
De cara no chão! _____	75
Ano-Novo, cicatriz antiga _____	89
E tudo vem à tona, na vida e na pele _____	105
<i>Notas</i> _____	119

PREFÁCIO

Todos somos capazes de contemplar um belo ornamento quando o vemos terminado. Mas e o que aconteceu antes de estar pronto? Estamos certos ao ignorar a prévia presença de dor? O processo de cicatrização? E o sangue derramado?

Cada um tem um registro próprio de suas escolhas. Às vezes nos enganamos ao tornar indelévels algumas delas, pois podemos vir a nos arrepender. Assim são as tatuagens. Se tudo corre bem nesse processo, satisfação é um dos efeitos colaterais. Mas, em caso de arrependimento, só restam duas saídas: acostumar-se com elas ou cobri-las com algo novo e de significado semelhante.

Não é sempre, porém, que temos poder de escolha sobre as coisas que nos habitarão para o resto da vida. Um acidente ou uma infelicidade momentânea pode produzir a sempre indesejada cicatriz. Marca feita, há que se aprender a conviver em harmonia com aquela formação descuidada e antinatural.

Ainda que a ferida já esteja reparada, é prudente dar-lhe mais algum tempo, antes de declará-la página virada. Pelo menos até que se consiga precisar todos os verdadeiros danos deixados.

PRÓLOGO

Eu e Sandra cruzamos nossos caminhos na fase em que estávamos mais confusos. Para muitos, essa fase é a adolescência ou o momento em que devemos escolher uma profissão. Para nós, aconteceu no terceiro ano do curso de Cinema, na faculdade, onde nos conhecemos. Ela tinha 28 anos e eu tinha 21. Nessa etapa já havíamos quebrado algumas das barreiras iniciais.

Com contatos esparsos no primeiro semestre da faculdade e já no mesmo grupo de trabalho, fomos estreitando a relação com um ponto em comum, que acreditamos ser o maior fator socializável entre as comunidades modernas: os vícios. Tínhamos dois. Na verdade, de tempos em tempos, descobrimos que existem muitos outros, mas os que causaram essa união foram: cigarro e coca-cola; os meus normais e os dela sempre *light*.

Nas gravações de trabalho, entre discussões de temas de futuros vídeos e seminários, ou nas incansáveis terapias de grupo, que na verdade haviam sido marcadas para discutir algum detalhe ou problema dos nossos trabalhos, sempre havia tempo ou interrupção para um cigarro, acompanhado de uma “coquita”, como gostávamos de chamar nosso vício mais lícito.

Outra coisa que nos uniu, desde os primeiros momentos, foi o nosso idealismo. Acreditávamos num país melhor, numa política de esquerda, na reforma das leis e em muitas outras coisas que com o tempo acabaram tomando proporções menores diante de outras paixões que compartilhávamos. O cinema, escrever e nossa vida pessoal ganhavam, cada vez mais, *status* de prioridade. Sempre passáva-

mos horas analisando um ao outro. Ou simplesmente falando de sonhos incomuns e caretas, os quais tínhamos vergonha de revelar diante de terceiros.

Escrever começou como uma paixão. Éramos os roteiristas de plantão dentro do grupo e sempre dávamos um jeito de escrever outras coisas paralelas, porque gostávamos daquela atividade. E porque precisávamos daquela válvula de escape. Precisávamos dar voz a algumas coisas que nos habitavam, mas que poucos conheciam.

Sempre acreditei muito no que escrevia, fosse um curta, um seriado, um conto ou um livro. E ela sempre foi mais desconfiada, mais modesta. Nós nos elogiávamos quando um lia o que o outro havia escrito. Mas acredito que ela precisava mais daquele elogio do que eu, muito prepotente em minhas atividades, devo admitir.

Tenho razões para acreditar que, apesar de muitos interesses em comum, a compreensão de componentes da personalidade do outro, mesmo que não fossem familiares, foi o que mais a trouxe para junto de mim, e vice-versa. Era muito bom ter alguém que me olhava e, mesmo sem saber por que havia tomado tal atitude, não me censurava.

Já meu encontro com Eduardo foi absolutamente casual. Eu morava com meus pais e meu irmão, como qualquer família normal. Em dado momento, meu irmão precisou receber um colega da faculdade em casa. Eduardo fora vítima de um incêndio em sua república. Sensibilizados, meus pais o receberam de braços abertos. Ele chegou com data para ir embora e foi ficando. E se aconchegando.

Eu ainda estava no cursinho pré-vestibular quando ele se mudou. E, em menos de um ano, meus pais resolveram mudar-se para o interior, onde muitos da minha família já tinham ido se refugiar. Meu irmão resolveu que transferiria sua faculdade para lá. E meus pais resolveram, sem a minha participação, que eu prestaria vestibular naquela cidade, a qual nem ousou proferir o nome.

Alguns meses de planejamento, muitas brigas e sinais de rebeldia depois e meus pais resolveram que eu poderia ficar aqui, pois não queriam vender a casa em que morávamos, no caso de não se adaptarem. No fundo, o único propósito para isso era que eu permanecesse, mas eu fingia não saber e eles fingiam não ser esse o motivo. Eduardo, já considerado parte da família, ficaria ali comigo –

fato esse que deixou meus pais muito mais tranqüilos, como confienciaram no portão de casa, antes de partir.

Logo de início, eu e ele nos estranhamos um pouco, mas tudo passou. E a convivência com ele ficou mais açucarada, sem que eu tivesse controle das minhas ações e reações. Ele estava ali e era isso.

Logo, a faculdade começou e a Sandra chegou à minha vida. Ela era a coisa mais preciosa que havia me acontecido, o melhor dos encontros. De início, não contei a ela que gostava dele. Era difícil admitir para mim que estava gostando de Eduardo. E para contar a ela, teria de proferir tal afirmação em voz alta, fazendo dela uma verdade.

Essa não foi a única coisa sobre a qual calei no curso da nossa amizade: “O que os olhos não vêem, o coração não sente”. Eu pensava assim, até perder o autocontrole. Aconteceu na véspera do casamento de Eduardo. Depois de uma noite de caraoquê regada a uísque com energético e cerveja, ele tomou a atitude com a qual eu já nem contava mais. No dia seguinte, ele se casaria com Clara, grande amiga de Sandra. E eu dormi com ele.

O plano era: não emitir aquela verdade em voz alta, nem que estivesse sozinho. Mais uma vez, eu não queria admitir o que havia feito. Mas, de maneira habitual, a situação fugiu ao meu controle quando Sandra passou na minha casa, para deixar o terno de Eduardo. Por ironia do destino ou por falta de cautela, ela encontrou a porta aberta. E entrou.

Ela nos viu juntos. Estávamos nus, deitados na minha cama. Passado o impacto, ela diria que tinha ficado um pouco feliz por mim. Porque sabia que, por mais que eu negasse, aquilo ainda era o que eu queria. Mas, por trás daquela microfelicidade, havia algo maior que deveria ser respeitado: o seu bom senso. E para fazer o que é certo, ela teria de trair um grande amigo, eu, para contar a outra grande amiga o que havia acontecido.

Antes disso, Sandra e eu aproveitamos o pouco tempo que tínhamos para tomar um café juntos. E assim, tiramos os acontecimentos das entrelinhas, trazendo tudo para o mundo dos fatos. Além de aproveitarmos para bolar nossas estratégias. Nem ela nem eu sabíamos o que pensar daquele imbróglio todo, mas a nove horas do casamento não podíamos nos furtar de ser o mais objetivos possível.

Nessa conversa eu diria, com grandeza de detalhes, tudo que havia acontecido. Ela diria que eu havia perdido toda a objetividade entre as pernas de Eduardo, na noite anterior. Sendo assim, me restavam algumas poucas horas para recuperá-la.

Eu não conseguia imaginar como tudo seria depois de a verdade ser dita aos sete ventos. Não conseguia imaginar por que havia feito aquilo, de maneira tão irresponsável. Não conseguia imaginar como seria a próxima hora. Só pensava no passado. Enquanto tentava imaginar um sentimento hipotético de Eduardo para comigo, entrava em contato com a certeza do ódio de Clara.

Qual seria o custo de tudo isso para os recém-casados? Um casamento desfeito jogaria altas cifras pela janela, sem contar os custos emocionais. Algumas amizades certamente ficariam abaladas, sem sabermos ao certo se algum dia voltariam a ser como eram.

Na verdade, naquele momento, o único preço que eu queria saber era o daquele café. Antes que minhas olheiras denunciassem que eu não havia dormido. Que minhas roupas denunciassem que eu não havia nem tomado banho ainda. Sentindo-me sujo e um pouco feliz, mas nunca realizado, pedi a conta. Estava mais do que na hora de entrar em outro plano, chamado vida adulta, onde tudo tem o seu preço.

Sentado ali, adoraria pensar que tudo estava apenas começando. Mas as perguntas que eu me empenhava em responder apontavam para um fim, para uma quebra. Apeguei-me à ilusão de que estava apenas no meu início e segui ao encontro de Eduardo, ao lado de Sandra, em seu carro.

Ao encontro de Eduardo. Ao lado de Sandra. Ao encontro de Eduardo. E ao lado de Sandra. Quantas vezes mais eu poderia repetir isso depois das próximas horas? As respostas que eu procurava não estavam nem no meu começo nem nesse suposto fim. Estavam no recheio, no conteúdo. E na minha pele.